

## Dilma Rousseff em revista: a personagem em perfis da *piauí*<sup>1</sup>

Daniela Reis do Nascimento<sup>2</sup>

Denise Tavares<sup>3</sup>

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

### Resumo

Este artigo discute dois perfis da atual presidente do Brasil, Dilma Rousseff, apresentados em edições distintas na revista *piauí*. O objetivo é, a partir da análise destas matérias, debater estas construções textuais que se valem dos conceitos e técnicas assumidos pelo o que se convencionou chamar de Jornalismo Literário, estilo que se desenvolveu de forma irregular ao redor do mundo. Para tanto, recuperamos, inicialmente, a trajetória deste estilo e do perfil jornalístico para, em seguida, debater os textos da revista, tendo, no horizonte, a complexidade de uma “personagem” vista, pelo senso comum, como responsável pelos rumos de um país.

**Palavras-chave:** jornalismo literário; revista; perfil; Dilma Rousseff; *piauí*.

### 1. Introdução

Se recuperarmos genericamente a história do jornalismo, é possível construir uma linha do tempo na qual apareçam os marcos principais e as mudanças incorporadas ao ofício da profissão. Entre estas, o emprego do lide que, com certeza, é uma das transformações fundamentais por que passaram os periódicos e que persiste, até hoje, com muita força, em especial no jornalismo contemporâneo diário, ou *hard news*, como é denominado. Tal persistência e força, de acordo com Nilson Lage (2003) e outros autores, deve-se, principalmente, porque o lide - que se difundiu nos Estados Unidos entre o final do século XIX e o XX - marca o momento em que a indústria jornalística se profissionalizou.

De acordo com o professor Pereira Júnior (2006), esse modelo foi desenvolvido durante a Guerra Civil dos Estados Unidos, que ocorreu de 1861 a 1865. Naquela época, o telégrafo - principal forma de transmitir informações para grandes distâncias - era bastante instável, o que tornava muito comum o envio de mensagens incompletas ao destinatário. Para superar essas dificuldades, habituais em meios de comunicação e serviços militares da

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 9º. semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo, da Universidade Federal Fluminense, email: dani\_reis8@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense, email: denisetavares51@gmail.com

época, definiu-se um modelo em que o conteúdo mais importante deveria ser passado no topo da notícia. Uma boa definição de lide é, justamente, um pequeno texto introdutório que revele o esforço do repórter em responder as perguntas mais essenciais sobre um fato, ou seja: o que aconteceu, com quem, quando, como, onde e porquê.

Apesar do surgimento intrínseco aos meios de comunicação, talvez o lide não assumisse o papel que tem atualmente se não tivesse atraído o *The New York Times*, em 1861. O jornal não só absorveu a proposta como também a associou à lógica da pirâmide invertida, que “rompe com a ordem cronológica dos fatos, organizando a notícia a partir do acontecimento mais impactante, mais relevante, mais chamativo” (QUEIROZ, 2011, p.2). Trata-se, portanto, de uma estrutura narrativa que ordena o texto de forma que os acontecimentos mais importantes se localizem nos primeiros parágrafos e os menos relevantes nos últimos.

A história, entretanto, apresenta momentos importantes no percurso da atividade jornalística em que este modelo foi bastante questionado. De modo geral, os períodos de ruptura aconteceram de forma espontânea e descontínua. Em alguns destes apareceram reportagens que abandonavam as estruturas tradicionais na tentativa de contar histórias em profundidade e elaborar textos mais ousados. Muitos estudiosos se referem a estas iniciativas por meio da expressão “jornalismo literário”, que traduz a mistura do retrato da realidade – típico das notícias –, com a linguagem e as técnicas oriundas dos romances. Esses jornalistas não produziam ficção, mas sim, narrativas da vida real.

Lima (2014) explica que em vez de simplificar a realidade, efeito possivelmente obtido pelo lide, o jornalista literário a apresenta em toda a sua complexidade, o que demanda apurações mais demoradas. Para ele, o jornalismo literário “procura transcender o nível importante – mas meramente informativo – de uma boa parte da produção jornalística, para alçar voos de maior ambição” (p.10). As aspirações do estilo, além do objetivo noticioso, seriam identidade própria, força comunicativa e qualidade estética. Para tanto, herdou da literatura a linguagem, a perenidade e a estrutura narrativa dos romances.

A primeira herança rompe com a proposta do jornalismo convencional, que costuma informar sobre o momento imediatamente posterior ao acontecimento. Nesse sentido a intenção do jornalismo literário é diametralmente oposta e, assim como a arte, visa alcançar a posteridade. Apesar destas dissidências, o objetivo principal do estilo é muito próximo ao do modelo convencional: comunicar, conforme regras ou técnicas

específicas, acontecimentos e situações da vida real. Lima (2014) nos lembra, porém, que a maneira como um ou outro busca cumprir esse papel difere consideravelmente.

São as particularidades marcantes do estilo que o fizeram cair no gosto de leitores ansiosos por uma nova forma de se informar. Vamos, portanto, nos ater a essas peculiaridades para compreender o gênero. O jornalismo literário costuma enaltecer o estilo individual do autor a fim de lhe garantir liberdade para criar e possibilitar a quebra de padrões estabelecidos. Outra característica proeminente é a reportagem de longa imersão. Este traço não é uma exclusividade, mas para o gênero abordado é quase imprescindível, pois converge com motivações cruciais para este, como a construção de relatos que abordem todas as minúcias importantes para o fato e a busca por perenidade.

Nos anos 1960 a grande reportagem narrativa conquistou as redações dos Estados Unidos em um movimento que ficou conhecido como Novo Jornalismo. Tom Wolfe (2005) conta que com a onda que misturou linguagem literária e técnicas de reportagens, seus escritos saltaram de 1500 para até 6000 palavras. Wolfe (2005) definiu quais eram, na sua visão, os quatro recursos fundamentais deste estilo de reportagem, que garantiriam a qualidade absorvente e o envolvimento emocional do leitor: são eles a construção da história cena a cena, o registro de diálogos completos, o ponto de vista em terceira pessoa e o *status* de vida dos retratados.

O primeiro e o segundo artifícios eram responsáveis por tirar os repórteres do conforto da redação e mandá-los às ruas. Segundo essa concepção, o jornalista precisava estar no local dos acontecimentos para depois, por meio de técnicas literárias, recriar o cenário para o leitor. Além de trazer a história para diante do nariz do leitor, técnicas como o registro de diálogos e a descrição cena a cena tornariam a reportagem mais dinâmica. O autor também frisa a importância do ponto de vista em terceira pessoa. Alguns jornalistas da época se desligavam completamente das regras convencionais sobre isenção e escreviam em primeira pessoa. Visto que o repórter presenciou o desenrolar da notícia, parece natural que faça o seu relato sob essa perspectiva. Outros mantinham o uso da terceira pessoa e raramente se anunciavam.

O último mecanismo é definido como o *status* de vida. O nome não traduz, à primeira vista, sobre o que se trata, mas consiste no registro de detalhes simbólicos, que revelariam os desejos ocultos e os aspectos profundos de uma personalidade. Todos esses pormenores, captados por meio de hábitos, olhares e gostos, poderiam revelar informações que a pessoa não conta deliberadamente. Lima (2014) emprega o termo “metáfora” para

explicar o *status* de vida. Ele afirma que os elementos simbólicos ajudam a criar uma imagem na nossa mente. A partir dessa visualização, estaríamos mais aptos a absorver a narrativa e conseqüentemente nos lembraríamos dela “muito depois de tê-la lido” (p.22).

A importância dos recursos enumerados não se restringe simplesmente ao fato de serem inovações. O papel fundamental que exerceram foi justamente o de aprimorar as estruturas antigas. Em vez de negar o jornalismo convencional, na verdade, o jornalismo literário o potencializaria. As tendências que lançou não foram criadas para serem aplicadas irreflexivamente ou apenas pelo seu valor estético. Precisam trazer novas significações para a narrativa, auxiliar o retrato complexo da realidade e revelar as dimensões ordinária e extraordinária de um fato<sup>4</sup>.

Ao analisarmos os jornais e revistas contemporâneos podemos verificar que a disputa dos veículos impressos com a televisão e a internet está sendo travada com as armas do concorrente: em vez de investir em grandes reportagens, à exemplo do jornalismo literário, os veículos, em geral, enxugam cada vez mais o número de páginas e de suplementos. As redações de mídia impressa tentam recriar a instantaneidade dos meios eletrônicos por meio de reportagens curtas, o que pode comprometer a profundidade do tema. Por isso mesmo, uma proposta que vá, de certo modo, na contramão deste caminho, como assume a *piauí*, abre, de certo modo, inquietações e questionamentos, como veremos mais adiante. Mas antes, vamos discutir rapidamente sobre o gênero perfil.

## 2. Perfil: a proximidade com a literatura

Entre os gêneros jornalísticos, historicamente, o perfil talvez seja o que mantém a mais próxima relação com a literatura – e, em decorrência, ao próprio jornalismo literário – na medida que trabalha com um dos elementos-chaves desta expressão que é a construção de personagem. Naturalmente, o uso deste estilo não é o único método para se escrever o retrato de um indivíduo. Contudo, se na maior parte das reportagens as técnicas dos romances foram suprimidas, o perfil ainda é um espaço relativamente livre para se abandonar as estruturas clássicas do jornalismo convencional.

Ferrari e Sodré (1986) definem o perfil como o enfoque na vida de uma pessoa, que pode ser uma celebridade ou um tipo popular. Apesar da presença de técnicas narrativas na constituição de perfis, o estudioso Sergio Vilas Boas (2003) defende que sem o texto literário o perfil não hipnotiza. Sozinhos, porém, estes recursos não bastam e a eles

---

<sup>4</sup> Lima (2014)

acrescentam-se também os conceitos gerais de reportagem. Em contraste com as linhas convencionais de jornalismo, o estudioso alega que o envolvimento profundo do jornalista é determinante para gerar empatia - característica fundamental para um bom perfil.

Um dos obstáculos para a compreensão da personalidade do perfilado estaria embutido na visão do próprio repórter, que partindo de ideias pré-concebidas poderia enviesar a matéria. Para driblar essa dificuldade, o jornalista precisa escutar o que o personagem tem a dizer. Para tanto, é necessário ir desarmado: ao contrário da linha denunciata preponderante no jornalismo contemporâneo, o perfil não almeja condenar ou atacar uma pessoa. O que não significa que possa ser tachado como um gênero chapa branca. O teor da reportagem reflete naturalmente os aspectos observados e estudados por quem a escreve, o que é bem distinto de manipular um texto a partir de preconceitos arraigados.

Outro cuidado que o jornalista deveria tomar é evitar que o perfil caia na banalidade da curiosidade frívola. O jornalismo de celebridade emergiu com as revistas sobre o universo dos famosos, que vendem números expressivos nas bancas. Em vez de atender ao interesse público, estas publicações se focam em relatos invasivos ou artificiais sobre a intimidade de celebridades. Vilas Boas (2003) observa que o perfil não almeja simplesmente o particular. Pelo contrário, se propõe, de fato, a iluminar aspectos universais através de biografias específicas. Tal conceito, como veremos em seguida, parece ser assumido pela revista *piauí*, como veremos em seguida.

### **3. A revista *piauí***

Nascida em 2006, a revista *piauí* é famosa por seus perfis políticos ao estilo de grandes reportagens narrativas. O lema “para quem tem um parafuso a mais” antecipa que o público da revista se diferencia da média da população. Se realizarmos um intento comparativo, possivelmente notaremos que a abundância de títulos é enganadora, pois o conteúdo das opções disponíveis nas bancas é bastante similar. Atualmente no Brasil, publicações que cobrem os mesmos assuntos tendem a fazê-lo sob a mesma ótica. A fim de se distanciar dessa padronização recorrente a *piauí* é uma aposta singular entre tanta falta de diversidade qualitativa.

Algumas particularidades podem ser notadas à primeira vista: ao contrário da maior parte das revistas, em formato 20 x 26,5, as dimensões da *piauí* são 26,5 x 34,8 cm. Se por

um lado o tamanho não favorece a mobilidade do exemplar, por outro é um facilitador da leitura. Há ainda o benefício de permitir uma quantidade maior de texto, aspecto revelador da linha editorial. Outro atributo que salta aos olhos é a capa, que costuma trazer ilustrações de diferentes artistas. Os desenhos também marcam presença no interior da *piauí*, muitas vezes por meio de quadrinhos.

Enquanto a maior parte das revistas bombardeia o leitor com fotos, tabelas e infográficos com o intuito de tornar a leitura mais visual, *piauí* habituou-se a apresentar apenas uma fotografia por reportagem. Embora perca em quantidade, a imagem ocupa uma página inteira, o que somado à força das fotos selecionadas, à qualidade do papel<sup>5</sup> e às dimensões ampliadas, garante o impacto para o leitor.

O compromisso da *piauí* com a informação é encarado de forma menos sisuda do que o da imprensa convencional. A publicação defende que é possível fugir dos textos regradados e enfadonhos. O essencial, além da credibilidade, seria garantir uma leitura aprazível para o leitor, que poderia simultaneamente se informar e apreciar o texto. A forma de contar uma história, portanto, é posta no centro das atenções. O lide, por exemplo, não tem espaço na publicação. As máximas sobre textos curtos e meramente informativos também não se encaixam na *piauí*. Mesmo na contramão de quase tudo o que é feito atualmente, as longas reportagens da publicação conseguem encontrar leitores interessados. A revista tem uma média<sup>6</sup> de 114.000 leitores e o site, que replica algumas das matérias gratuitamente, registrou 192.863 visitas únicas em fevereiro de 2014.

Outra condição do jornalismo literário, a grande reportagem desenvolvida com o aprimoramento do texto e da apuração, é favorecida pela periodização mensal da revista. Em vez de matérias saídas no calor dos acontecimentos e que comumente não relatam o fato acabado, as notícias são contadas a partir de reflexões levantadas com o impacto da situação. Ademais, como não há a urgência de informar, pode-se passar um tempo muito mais longo na investigando e redigindo a reportagem. Apurações dessa dimensão não coincidem com jornalistas que permaneçam integralmente na redação, ou que façam entrevistas à distância. O aprofundamento e o tipo de texto que a revista preconiza exigem que o repórter saia de sua cadeira e vivencie verdadeiramente a pauta.

---

<sup>5</sup> *piauí* utiliza o papel pólen, certificado pelo selo verde FSC (Forest Stewardship Council). Trata-se de um papel especialmente desenvolvido pela Suzano e pela Cia. das Letras, para tornar a leitura mais confortável. Disponível em: <[http://revistapiaui.estadao.com.br/assets/media/geral/apresentao\\_revista\\_piau\\_2014.pdf](http://revistapiaui.estadao.com.br/assets/media/geral/apresentao_revista_piau_2014.pdf)> Acessado em: 05/05/2015, às 19:11

<sup>6</sup> Pesquisa realizada por Estudos Marplan – Consolidado 2012–13 Disponível em: <[http://revistapiaui.estadao.com.br/assets/media/geral/apresentao\\_revista\\_piau\\_2014.pdf](http://revistapiaui.estadao.com.br/assets/media/geral/apresentao_revista_piau_2014.pdf)> Acessado em: 01/03/15, às 10:15.

Voltemo-nos agora para outra divergência proeminente. A maior parte das revistas tenta fisgar o leitor através de grandes temas e teorias gerais, que chamam atenção justamente devido a sua abrangência. Nos últimos anos, por exemplo, a *Veja* abordou, seguidamente, vida saudável, soluções para o Brasil e o perfil do profissional bem-sucedido. Na *piuí* essa estratégia não tem vez. O cinegrafista e idealizador da revista, João Moreira Salles, explica<sup>7</sup> que os temas são sempre encarnados em uma história concreta: o caminho oposto à abstração. A redação parte do preceito de que as grandes teorias explicam menos do que pretendem, o que os leva a buscar personagens e histórias palpáveis. A informação não é dada de forma didática ou factual, mas como experiência afetiva.

#### 4. Dilma Rousseff na *piuí*

Após observarmos brevemente as características do jornalismo literário e do gênero perfil, discutiremos como estes conceitos sustentam, ou não, os perfis de Dilma Rousseff da *piuí*. Pretendemos verificar como as técnicas empregadas, a linha editorial e o projeto gráfico contribuem para a imagem da personagem que emerge das matérias. Antes de tudo é preciso esclarecer que os dois perfis analisados podem ser compreendidos como complementares. Apesar de participarem de edições distintas, ambos foram escritos por Luiz Maklouf Carvalho, e seguem linhas temporais consecutivas. “As armas e os varões”, do número 31, descreve a infância de Dilma até a retomada de sua vida após a cadeia. Já “Mares nunca dantes navegados”, por sua vez, foca o período entre a libertação da prisão e o lançamento oficial de sua candidatura para as eleições de 2010.

Começemos, portanto, com a análise da diagramação. “As armas e os varões” ocupa oito páginas da revista. Muitas são utilizadas apenas em parte, pois propagandas se difundem na parte lateral ou na metade inferior destas. Em três delas há a presença da série de quadrinhos “Minha jaula, minha vida”, que apesar de ser uma referência ao programa “Minha casa, minha vida”, do PT, não se relaciona com a reportagem. Estes conteúdos adicionais dinamizam a diagramação, contudo, o excesso de anexos cria um conflito visual, como pode ser observado nas páginas 24 e 25. Neste exemplo, a exuberância e multiplicidade das cores cria a sensação de que o texto é um mero acessório à composição.

---

<sup>7</sup> Entrevista com João Moreira Salles no Programa Sempre um Papo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P8V5QnHALmo> Acessado em 26/05/2015, às 13:20.

Uma das duas únicas fotos relacionadas diretamente à reportagem é a ficha de Dilma na Secretaria de Segurança Pública, em 1970, com informações sobre “a vida regressa do indiciado” (31, p.22). A escolha deste documento, que ocupa uma página inteira, não aparenta ter sido aleatória: além de descrever a militância e os anos de prisão de Dilma, o perfil se centra fundamentalmente no resgate da infância e juventude da personagem, ou seja: sua vida regressa. Na página ao lado, acima do título, se encontra uma foto de Dilma segurando a placa com o seu número de presidiária. O rosto da retratada denota impassividade e sustenta um ar de ousadia. Displícitamente posicionado ao lado da imagem localiza-se o símbolo do Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DOPS) e a taxação de Terroristas e Subversivos.

Em fonte agressiva e forte, o título evidência as palavras “armas” e varões” (31, p.23). No segundo perfil o título é expresso em uma fonte grande e neutra. O subtítulo - “A trajetória de Dilma Rousseff da prisão ao poder e como ela se tornou a candidata do presidente Lula à sua sucessão” (34, p.27) - indica o longo período da vida da retratada que a reportagem se propõe a cobrir. Desta vez, o repórter utiliza intertítulos, expediente raro na publicação, para distinguir os momentos abordados: “Depois da cadeia”, “No governo gaúcho”, “Nas minas e energia”, “Na casa civil” e “Candidata”. Como o outro, este perfil também é recortado por propagandas e quadrinhos que não se relacionam com a reportagem. Desta vez, porém, estes artifícios aparecem em menor quantidade, o que torna as páginas mais leves e harmônicas.

Esta reportagem também ocupa oito páginas da revista. A única foto de “Mares nunca dantes navegados” é uma pichação de Rousseff sobre um muro antigo, simples e margeado por destroços e plantas, que crescem desordenadas. Um retrato muito distinto das fotos de estúdio: ao contrário do *glamour* das campanhas eleitorais, a candidata está representada em um local banal. Possivelmente foi este o motivador para a escolha – Dilma, como candidata, está, pela primeira vez, nas ruas, no espaço público. Outro incentivo pode ter sido a notável dimensão estética da imagem.

Passemos agora para a observação do texto. A primeira parte do perfil se inicia com a seguinte descrição: ““O pon está na mesa” (31, p.23) Pétar Russév não conseguia dizer “pão”. Falava pon. Búlgaro, tinha 1,95 metro de altura, olhos azuis, cabelos quase brancos de tão louros.” Aqui, o jornalista narra uma situação que não presenciou, mas que possivelmente lhe foi repassada por alguma de suas fontes. Desenvolvida na introdução,



essa técnica permite a fuga do lide e, por meio da valorização do estilo autoral e de estruturas narrativas, aumenta as chances de conquistar a atenção do leitor logo no começo.

Em seguida a matéria resgata a vinda do búlgaro Pedro Rouseff, pai de Dilma, para o Brasil. Descobrimos como foram os primeiros anos no país e o casamento com Dilma Jane Silva. Observem a frase: “Igor, o primeiro filho, nasceu no *primeiro dia* de 1947. Dilma Vana, *quase no último*: 14 de dezembro” (31, p.23). As expressões destacadas revelam um recurso descrito por João Salles no capítulo 3: a informação não é dada de forma puramente factual. Em vez de um encadeamento puro e simples de datas, emprega-se um jogo linguístico para dinamizar o texto.

Na lembrança do filho, o búlgaro amava os prazeres da vida: fumava cinco maços de Cairo por dia, tomava uísque, jogava cartas e se deleitava com uma mesa farta. Os Rouseff moravam numa casa espaçosa, cuidada por três empregadas. As refeições eram servidas à francesa, com guarnições e talheres específicos. O patriarca era louco por dobradinha – que Igor até hoje odeia, fazendo uma careta ao lembrar o “cheiro insuportável” do cozimento da tripa – e às vezes metia-se ele mesmo a fazer “aqueles queijos bichados” (segundo o filho) que comia na Europa (31, p.23).

A citação acima nos provê de uma abundância de detalhes sobre o patriarca e o modo de vida da família Rouseff. No jornalismo apressado e sintético contemporâneo, muitas das informações descritas neste trecho poderiam ser consideradas supérfluas. Contudo, uma análise mais aprofundada atesta que estes pormenores auxiliam a definir o temperamento de Pedro Rouseff e a realidade econômica da família.

Esse conjunto de detalhes é a representação da técnica *status* de vida – descrita por Wolfe (2005) – e permite ao leitor compor o *background* do perfilado, o que pode facilitar a compreensão de sua personalidade. Neste tipo de matéria um erro provável que o jornalista pode incorrer é apresentar um arranjo de informações fúteis ou descontextualizadas que não tenham relevância para a análise psicológica e comportamental do personagem. Vilas-Boas (2003) nos lembra que é necessário capturar a história de um personagem além dos fatos mundanos que a compõe, e incorporá-la em um enredo. Para evitar este tipo de excesso o repórter precisa ter sempre em vista o interesse público, a privacidade do retratado e os limites éticos da profissão.

No trecho a seguir podemos notar um expediente comum da *piauí*: “Boa parte das aulas foi ministrada nos arredores de Belo Horizonte pelo ex-sargento da Aeronáutica João Lucas Alves. ‘O João Lucas ficava hospedado na nossa casa’, contou Galeno, *orgulhoso do*

*risco*” (31, p.25). O registro da reação da fonte e a enumeração de algumas de suas ações enquanto guerrilheiro ao longo da reportagem nos dão acesso a um aspecto de sua personalidade – o temperamento aventureiro – sem que seja necessário escrever literalmente esta característica. A informação não é passada de forma abstrata, mais sim, encarnada em uma personagem.

Antes disso, porém, o irmão de Dilma descreve a noite em que o pai faleceu, o que confere dramaticidade ao texto. Esta não consiste em uma abordagem sensacionalista porque não explora detalhes mórbidos com o intuito de chamar a atenção do leitor. O trecho, como pode ser observado abaixo, é simples e direto:

Pedro Rousseff morreu em setembro de 1962. Já era brasileiro naturalizado e planejava para breve uma visita à Bulgária. Igor tinha 15 anos e Dilma um a menos. “A noite em que o pai morreu foi dramática”, recordou o filho. “Ele tinha ido jogar no Clube Campestre, voltou pelas onze da noite e de repente se sentiu mal, passando a respirar com dificuldade. Estávamos todos em casa. O médico foi lá, mas não teve jeito. Morreu em casa e foi velado em casa, de onde saiu o enterro (31, p.24).”

Assim como fez com o pai, ao apresentar o primeiro namorado de Dilma - Cláudio Galeno-, o jornalista descreve aspectos da sua aparência física, o que permite ao leitor criar uma imagem mental da fonte. A descrição, como vimos no capítulo 1, é um recurso comum no jornalismo literário. Em outro ponto, (“Galeno ficou encabulado quando *perguntei* detalhes sobre o início do namoro”), o jornalista não esconde sua presença e foge da regra prevista pela cartilha de Wolfe (2005) de utilizar a terceira pessoa nas reportagens.

Este uso, porém, não desqualifica a reportagem dentro do gênero, visto que muitos jornalistas do estilo se expressavam por meio da primeira pessoa. E mais uma vez destacamos que o jornalismo literário não consiste em um conjunto de regras que deve ser seguido à risca, mas sim em uma denominação que abarca e classifica uma variedade de reportagens que empregam recursos literários a fim de consolidar os princípios tradicionais do jornalismo, como o registro dos múltiplos lados que compõe a realidade.

Tendo em vista que os acontecimentos abordados se passaram há muito tempo é impossível para o jornalista estar presente no desenrolar da ação, prática comum da grande reportagem. Para driblar este percalço, o repórter estabeleceu uma agenda intensa de pesquisas e entrevistas a muitos dos envolvidos nas ações abordadas. Assim, o perfil se aproxima da realidade e pode-se até mesmo narrar os fatos rememorados:

Eu e a Celeste entramos com um balde; eu me lembro bem do balde porque tinha munição. As armas, nós enrolamos em um cobertor. Levamos tudo para a pensão e colocamos embaixo da cama. Era tanta coisa que a cama ficava alta. Era uma dificuldade para nós duas dormirmos ali. Muito desconfortável. Os fuzis automáticos leves, que tinham sobrado para nós, estavam todos lá. Tinha metralhadora, tinha bomba plástica. Contando isso hoje, parece que nem foi comigo (31, p.28).

Outro aspecto curioso do perfil são as tiradas de humor, que não foram propriamente inventadas pelo jornalista, mas captadas de situações do cotidiano, como em: “Ele odiava o cigarro e tinha pavor que eu viesse a fumar”, lembrou o filho. Nas vezes em que flagrou Igor fumando, Pedro Rousseff deu-lhe broncas mais do que enfáticas. O filho fuma até hoje” (31, p.24). Em outro ponto a comicidade advém de uma situação irônica, confira: “O risco de prisão agravou-se com a publicação na imprensa de um retrato falado de Galeno – “muito fiel”, reconheceu o retratado –, acusando-o de ter participado do assalto de Sabará. Não era verdade, mas era impossível procurar a polícia para explicar” (31, p.26).

Destacamos ainda momentos em que devido à situação descrita, aos termos empregados e à construção do texto, a linguagem adquire certa dimensão dramática e até mesmo poética. Como no exemplo: “A Dilma era agressiva verbalmente”, ele me disse numa entrevista por telefone. “Mas tinha certa fragilidade, algo como uma adolescência não realizada” (31, p.26).

Falemos um pouco mais sobre a imagem de Dilma que emerge do perfil. Alguns dos atributos de Dilma ressaltados pelas fontes são inteligência, capacidade de liderança, desenvoltura e simpatia. As atitudes descritas demonstram que é uma pessoa direta e determinada. A questão da força da perfilada diante de situações adversas também é muito presente. Aparece ainda no depoimento dos que a conhecem como portadora de aguda curiosidade intelectual e de um lado suave, que lhe ameniza o temperamento. Identificar simultaneamente dureza e suavidade não configura um paradoxo, mas sim o retrato complexo de um ser humano, que raramente pode ser compreendido como um indivíduo unilateral e totalmente coerente. Muitas vezes, de acordo com Vilas-Boas (2003), são justamente as incoerências que confirmam a fidelidade ao personagem.

Na continuação deste perfil, em “Mares nunca dante navegados: Dilma Rousseff da prisão ao poder”, o jornalista explica que em quatro meses de apuração entrevistou 70 pessoas. O repórter também usou como fontes de pesquisa documentos em geral, um Inquérito Policial Militar, depoimento ao Dops de São Paulo e o estatuto da VAR-Palmares. Entrevistou fontes em Belo Horizonte, Uberaba, Rio de Janeiro, Osasco, Londrina, São

Paulo e Porto Alegre. Diante de uma apuração tão extensa, o perfil - construído como uma narrativa linear - adquire solidez e inspira confiança no leitor. O texto atrativo também deve contar pontos na conquista do público.

Avaliemos, então, a segunda parte do perfil. No trecho abaixo, o emprego de uma sequência de números demonstra a realidade da prisão durante a Ditadura por meio dos efeitos desta na saúde de Dilma:

Foram três anos de cadeia: de janeiro de 1970, quando foi capturada no centro de São Paulo, ao final de 1972, quando saiu, 10 quilos mais magra, do Presídio Tiradentes. Estava com cerca de 57 quilos, usava manequim 42, tinha 25 anos, e a ditadura que a prendera e torturara, nove (34, p.27).

Em outro ponto da matéria ressalta-se que Dilma “trocou o uai pelo tchê” (34, p.27) para estar próxima do marido. Usa-se uma linguagem figurada para explicar que a personagem se mudou de Minas Gerais para o Rio Grande do Sul. O jogo de palavras dinamiza o texto, assim como a descrição de cenas no estilo narrativo, como no exemplo: “No meio da tarde, a empregada veio perguntar se ele queria algo especial para o jantar. Não queria. O freezer estava abastecido com cervejas e, de quando em quando, ele pegava uma garrafa” (34, p.27).

O perfil narra que diante do câncer da amiga Lícia, Dilma lhe dá o livro *O Mar*, do irlandês John Banville, e diz ter apreciado muito a leitura. Um dos momentos mais marcantes do romance é a constatação de um diagnóstico de câncer. O jornalista usa esta parte na reportagem, o que convém com a situação do momento, visto que a matéria foi publicada logo após o tratamento de Dilma de um câncer no sistema linfático, em 2009. Além da literatura, conhecemos a paixão da personagem por pintura. O apreço da presidente pelas artes passa despercebido pela grande imprensa nacional. Uma reportagem de longa imersão pode e deve se dar ao luxo de investigar esse tipo de detalhe, que ajuda a compor o retrato dos personagens.

Rousseff é famosa entre os brasileiros por seu temperamento áspero e expressões emburradas. Porém, nesta matéria conhecemos o seu lado mais leve e bem humorado. Questionada sobre a perda de cabelo recorrente da quimioterapia, responde: “‘E teve um efeito gratificante: é bom sentir a água escorrendo direto na cabeça.’ A ministra riu e completou: ‘Você não pode deixar de procurar as coisas boas. E o cabelo vai crescer, vai voltar’” (34, p.27). Esse registro é interessante, pois apresenta um aspecto mais leve de sua personalidade. O bom humor também aparece no depoimento de pessoas que a conhecem.

A descrevem como alegre, companheira, carinhosa, disciplinada, bonita, firme e com grande habilidade política.

Mas nem só de elogios é feito um bom perfil e este não foge à regra. Não se limita a enumerar as qualidades positivas da perfilada e vai atrás de seus desafetos para descobrir quais são as críticas à sua personalidade. Sabemos, por exemplo, que foi demitida de um cargo por chegar sempre atrasada, do autoritarismo e das broncas duras aos subordinados. Enquanto uns ressaltam que é humilde, outros preferem dizer que “vendeu a imagem de que não é ambiciosa, de que está ali para servir. Ela é o garçom do presidente” (p.31).

Quando uma questão não é consenso, o jornalista corre atrás de diversos pontos de vista. Alceu Collares, ex-prefeito de Porto Alegre, garante que a gestão de Dilma como secretária municipal da Fazenda “foi da maior transparência e competência”. O advogado Políbio Braga tem outra lembrança e afirma que: “Ela não deixou sequer um relatório, e a Secretaria era um caos” (34, p.28).

Além do intenso processo de apuração, chama atenção em alguns trechos a identidade própria, força comunicativa e qualidade estética da linguagem; características que, de acordo com Lima (2014) simbolizam a tentativa de ultrapassar o nível importante, mas meramente informativo da maior parte da produção jornalística atual. Como no seguinte trecho:

O ex-governador Alceu Collares, nos seus 81 anos, continua simpático, falante e de posse de uma portentosa memória declamativa. Há que vê-lo, mal a manhã raiou, a escandir, tonitruante e com gestos largos, os versos do poema "O voto é tua arma", de sua própria lavra (34, p.29).

Esta citação demonstra como recursos literários podem influenciar no texto jornalístico a fim de formar uma grande narrativa, que inspire prazer nos leitores e que mesmo após anos de sua publicação continue a ser uma leitura proveitosa para a compreensão da realidade. A inclusão dos perfis de Dilma no livro *Vultos da República* (2010) corrobora a tese de que estas reportagens conquistaram perenidade comparável a da literatura.

## 5. Considerações finais

No decorrer deste texto pudemos identificar as necessidades que inspiraram a criação e popularização do lide e da pirâmide invertida, estruturas clássicas do texto

jornalístico. Conhecemos, também, uma das principais iniciativas críticas a esse modelo, o jornalismo literário. Para compreender as reivindicações e procedimentos do estilo resgatamos as suas características distintivas. Em seguida nos dedicamos ao estudo do gênero perfil e à análise da revista *piauí*. Posteriormente, avaliamos os dois perfis da *piauí* que retratam Dilma Rousseff.

A diagramação das reportagens analisadas por este artigo é pautada principalmente na valorização do texto. As poucas imagens utilizadas são simbólicas e pouco óbvias. O texto, por sua vez, ilumina lados da personagem que estão quase sempre ausentes das discussões públicas. Este registro só foi possível devido à longa e cuidadosa apuração do jornalista. A reportagem apresenta em detalhes a biografia da personagem, sem que o limite da invasão de privacidade seja ultrapassado. Conhecemos, afinal, o retrato de um ser humano que - como todos - tem qualidades e defeitos, opiniões e contradições.

Nesse sentido o jornalismo literário praticado cumpre a missão de retratar a complexidade da realidade. O principal mérito destas reportagens narrativas foi justamente resgatar os compromissos fundamentais da profissão – com o adicional de compor um relato que se aproxima da literatura ao conquistar perenidade e dimensão estética.

No conflituoso panorama político atual o esforço de retratar um tema com a maior fidelidade possível pode ser determinante para aclarar a mentalidade dos cidadãos, fundamentar as suas opiniões e trazer os correntes debates passionais e repletos de informações infundadas para o âmbito da racionalidade. Por esse ângulo, as matérias parciais não só promovem a ignorância como podem levar a atitudes extremas e insensatas neste cenário de desesperança com a política e ânimos acirrados diante das questões referentes à coletividade.

O empenho de suprir a sociedade de informações verídicas e abrangentes possivelmente poderia potencializar o alcance dos veículos de comunicação, que tem sentido ano após ano a diminuição do público - principalmente nas mídias impressas. Talvez essa crescente queda se deva não somente ao surgimento de novas tecnologias, como também ao esgotamento de certo modo de contar histórias.

É evidente que uma publicação como a *piauí* dificilmente poderia se configurar como uma solução para o jornalismo brasileiro. Jornalismo de qualidade custa caro e esse investimento é refletido no preço da publicação - R\$17,00 -, muito mais oneroso do que outras opções nas bancas Brasil afora. O conjunto da população do país não apenas não tem condições financeiras de consumir uma revista com este preço, como também

possivelmente não possui, em sua maioria, a erudição e a bagagem cultural necessárias para compreender a leitura e o modelo de publicação da revista.

Ainda assim, a resistência deste tipo de reportagem é – com permissão da expressão – um alívio para o cenário da imprensa nacional. No que concerne aos princípios básicos do jornalismo, o exemplo da revista pode estimular as publicações tradicionais e inspirar o surgimento de novos veículos, por mais que estes não se dediquem necessariamente a produzir matérias de cunho literário. Quem mais ganharia com isto, enfim, seria não apenas o jornalismo em si, mas também a sociedade como um todo.

### **Referências bibliográficas**

BOAS, Sergio Vilas. **Perfis e como escrevê-los**. Summus Editorial, 2003.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2003

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário para iniciantes**. São Paulo: Edusp, 2014.

PEREIRA JUNIOR, Luis Costa. **A Apuração da Notícia: métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

QUEIROZ, Francisco Aquinei Timóteo. **Rasgando o tecido das formalidades: as técnicas do romance em A sangue Frio e em Radical Chique**. Revista Temática, 2011.

SODRÉ, Muniz e FERRARI Maria Helena. **Técnica de Reportagem - Notas Sobre a Narrativa Jornalística**. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

### **Revista piauí**

Edições analisadas: 31, 34

Entrevista com João Moreira Salles no Programa Sempre um Papo. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=P8V5QnHAImo>>

Acessado em 26/05/2015, às 13:20.